

Meu país

Na verdade, eu nunca saí, e ainda estou tão longe.

Primeiro foram meses, depois anos

mas eu continuei voltando, para o país, para as cidades,
para minha família e parentes, como se eu nunca tivesse estado longe,
ouviu suas histórias, contou a minha e depois saiu novamente,
onde meu futuro deveria estar.

Levou muito comigo, minha linguagem, minha educação, meus valores,
minha parceira e até meus móveis.

Permaneceu um estranho no meu novo mundo, o que me fascinou,
e ofereceu oportunidades.

Nunca pensei em ficar lá o tempo todo,

não era um emigrante, apenas um que tinha temporariamente mudado de país.

Então eu queria ir embora, por causa das crises.

Tive que escolher: Flórida, Frankfurt, Austrália, escolheu a Flórida,
não a casa, que Frankfurt também não era.

Na próxima oportunidade eu voltei para a terra da minha ilusão,
que está tão distante, entre sonho e realidade.

Então as crianças saíram de casa, agora eram cidadãos do novo país.

Alemanha e Suíça ofereceram-lhes a oportunidade.

Eu ainda ficava, os visitava, gostava de estar lá, mas notei a alienação entre mim e meu país.
Muita coisa tinha mudado, as pessoas, mesmo os amigos com quem vivi por décadas,
discutindo, viajando, fizemos caminhadas e nos reunimos para jogar cartas ou simplesmente
para beber.

Eles agora tinham outros problemas, visões diferentes que eram estranhas para mim. Quem
tinha mudado, eles ou eu, talvez eu tinha estagnado, um homem dos anos 70, como uma
amiga me chamou, um yesterday man?

Os lugares e as praças ainda estavam lá, mas agora havia outras pessoas, não mais estudantes,
nem festeiros ou fãs de jazz, agora foi ocupado por imigrantes e asilantes, os novos cidadãos
da minha antiga cidade.

Por Eckhard E. Kupfer, em setembro de 2022.